

Japão ampliará ajuda externa

por Ian Rodger
do Financial Times

O Japão anunciará na próxima reunião de cúpula dos industrializados a realizar-se no final da próxima semana, em Toronto (Canadá), um novo plano de ajuda externa para os próximos cinco anos, dentro de seu programa de Ajuda ao Desenvolvimento Ultramarino.

Esse plano é uma das três prioridades da política externa anunciada pelo primeiro-ministro Noboru Takeshita em discurso proferido em Londres no início do mês passado. As outras duas prioridades são: melhorar as relações com a

Europa e contribuir mais para a pacificação mundial.

Os detalhes do plano de ajuda ainda estão sendo concluídos em Tóquio, mas seus objetivos são melhorar tanto a qualidade quanto o montante da ajuda japonesa.

O Japão com frequência é criticado pela pequena ajuda que presta ao desenvolvimento de países necessitados, bem como pelo vínculo dessa ajuda às exportações japonesas.

Em 1986, 29% da ajuda concedida pelo país estava vinculada ao financiamento de compras de bens e serviços japoneses.

Atualmente, as autorida-

des japonesas consideram a ajuda externa como um mecanismo para cumprir as responsabilidades inerentes à posição de potência mundial.

O Japão, que é atualmente o maior credor de todo o mundo, começou há dois anos suas tentativas para melhorar sua política de ajuda, cujo objetivo é o de duplicar seu orçamento anual para esse fim de US\$ 3,8 bilhões para US\$ 7,6 bilhões em 1992. Mas com a vigorosa valorização do iene, aquela meta foi provavelmente alcançada no ano passado.

Além disso, devido ao forte crescimento econômico do país, a relação entre a despesa com ajuda e o Produto Nacional Bruto (PNB) — a medida através da qual os países industrializados compararam a ajuda concedida — permaneceu demasiadamente baixa.

A média de ajuda concedida (em relação ao PNB) entre os países industrializados em 1986 foi de 9,35%, mas a do Japão foi de apenas 0,29%. No ano passado, esse item de gastos no orçamento japonês pode ter crescido levemente para 0,31% do PNB.

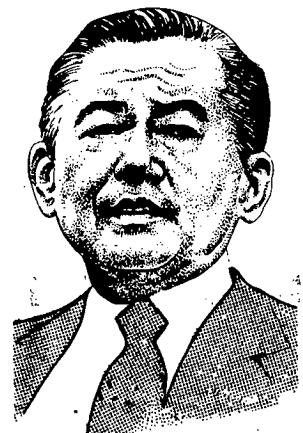
No início do ano passado, o governo lançou programas para reciclar — em dois anos — US\$ 30 bilhões dos elevados superávits para países do Terceiro Mundo, além de um pacote especial de doações de US\$ 500 milhões para a região do Sub-Sáara africano.

Contudo, devido à valorização do iene, o Japão atingirá essa meta sem muito esforço. O orçamento de ajuda ao desenvolvimento externo deste ano é equivalente a US\$ 10 bilhões, superando a cifra para o mesmo fim inserida no orçamento norte-americano, que é de US\$ 8,8 bilhões.

Ao mesmo tempo, longe de retroceder, cresceram em realidade as críticas à qualidade do programa japonês.

Por exemplo, os tomadores de empréstimos estão-se defrontando com o problema de ter de pagar em iene valorizado e estão exigindo melhores condições para o pagamento da dívida.

A reunião de Toronto deverá tratar primordial-



Noboru Takeshita

mente de todos esses problemas. Funcionários do Ministério das Relações Exteriores disseram que Takeshita estabelecerá metas específicas sobre os aumentos nos volumes da ajuda quando revelar o plano.

Não ficou claro se a meta será ou não expressada na forma de uma percentagem do PNB ou numa cifra específica ou numa taxa de crescimento.

Cerca de dois terços da ajuda japonesa têm ido para países do leste asiático, mas o governo reconhece que atualmente tem responsabilidades globais e precisa fazer mais na África, América Latina e em outras partes.

Tóquio tem refutado a pressão norte-americana para elevar sua ajuda a países que Washington considera como estratégicamente importantes — como Filipinas, Paquistão, Turquia e Portugal — e está cada vez mais preferindo atender a seus próprios interesses na seleção de países para receber a ajuda.

Por exemplo, o desembolso de US\$ 500 milhões de ajuda na África foi feito parcialmente com um olho voltado para conquistar aliados que possam apoiar as causas japonesas nas Nações Unidas. Similarmente, será um dos principais patrocinadores da reconstrução no Afeganistão, em apoio à ONU.

O país também se mostra propenso a ajudar o Irã e Iraque se e quando as circunstâncias o permitirem, devido a sua dependência da importação de petróleo.